



## PROCESSO CIVILIZADOR E A CONSTRUÇÃO DE GRUPOS

Constantino Ribeiro de Oliveira Jr.  
Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Docente do Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas  
Grupo de Estudos Esporte, Lazer e Sociedade

### **Resumo**

*Este texto busca apontar as possíveis contribuições de Elias para o entendimento da sociedade, sobretudo pela compreensão da formação de grupos. Realizou-se um estudo exploratório pelo qual foi abordado o processo de formação da estrutura social, bem como o processo de interiorização das normas sociais.*

Palavras-chave: Sociologia configuracional, auto-controle, construção de grupos.

### **Introdução**

Para que se possa desenvolver um trabalho científico é necessário o cumprimento de uma série de exigências. Entre elas estaria a necessidade de articulação da teoria com dados da realidade para que se possa ter uma melhor compreensão do objeto de estudo. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma revisão a respeito do entendimento de Elias sobre as relações sociais tendo como pano de fundo o entendimento sobre a construção de grupos.

Entre as várias possibilidades de compreensão da sociedade, as interpretações apontadas aqui tendem a criar uma porta de entrada para estudos que pretendam desvelar os processos pelos quais os seres humanos escolhem, ou são forçados a escolher, determinados grupos de convívio.

Vivemos um momento contraditório. Ao mesmo tempo em que vemos ações implementadas no sentido de valorizar o convívio social como uma proposta de educação para a paz, para a reaproximação com a natureza (em busca de uma consciência ecológica), para a cooperação e convívio pacífico entre os indivíduos, temos um quadro em que a individualização tem sido a tônica na sociedade contemporânea.

Em função deste quadro, o presente trabalho surge como alternativa para ser usado como um filtro, no sentido de confronto com o real, para a visualização dos diversos fenômenos que envolvam o indivíduo e a sociedade.

## Sociologia do processo: porta de entrada para uma compreensão social

Qual seria o objeto de análise de Elias e sua abordagem que veio a ser considerado como original dentro dos estudos em Sociologia? Na sua obra de 1939 “Sobre o Processo da Civilização: Investigações Psicogenéticas e Sociogenéticas” este autor apresenta uma teoria da civilização calcada em estudos a respeito do processo de transformação do comportamento e das estruturas da personalidade, conhecidas como psicogenética, e uma teoria da formação do Estado, processo conhecido como sociogênese.

A preocupação de Elias era compreender o processo de civilização através da psicogênese e da sociogênese. Para ele psicogênese seria o desenvolvimento das estruturas da personalidade humana e as transformações de comportamentos. Dito de outra forma, a preocupação era compreender a passagem de coações externas para uma forma interna de controle. Ou seja, através do controle das emoções para a formação do superego. Neste processo, a escolha dos objetos de estudo de Elias chamou a atenção para a criação de um espaço não público para onde determinados comportamentos deveriam se retirar. A psicogênese privilegia o que foi chamado de microfenômenos. A sociogênese apresenta-se como uma forma de contemplar “o desenvolvimento das estruturas sociais”. Para tanto, o processo de civilização é associado à criação do Estado moderno enquanto uma forma de compreensão das transformações sociais. A formação e consolidação do Estado são dados no sentido de uma monopolização de meios coercitivos para o controle, coordenação e integração do “conjunto de processos sociais”. Cabe lembrar que tanto a psicogênese quanto a sociogênese são vistas no longo prazo e num alto grau de interdependência entre ambas: “elas são aspectos interdependentes do mesmo desenvolvimento de longo prazo”. No entanto, o indivíduo em sua curta história passa através dos processos que a sociedade experimentou em sua longa duração.

A “sociologia do processo” ou “sociologia figuracional” são designações da teoria de Elias. O raciocínio seria o seguinte: os homens só aparecem enquanto pluralidades em figurações. A sociologia estuda figurações: o ‘todo’, considerado enquanto processo, resultante das infinitas interdependências que se tecem sem parar entre indivíduos e que os torna, precisamente, indivíduos”. Estas interdependências formadas entre os homens seriam o motor para a compreensão micro e macro da sociedade, no longo prazo. Portanto, figurações seriam estas relações que estão intimamente ligadas a relações de poder.

Para melhor compreensão sobre esta noção de ‘todo’ enquanto processo, busca-se subsídios no prefácio feito por Dunning<sup>1</sup> no livro “Em Busca da Excitação”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> ELIAS, N. DUNNING, E. Em Busca da Excitação. Lisboa: DIFEL -Difusão Editorial, Lda, 1985.

<sup>2</sup> O início desta apresentação é feito pelos dados biográficos do autor. Desde seu nascimento em 1897, de origem germano-judaica, até a contextualização do interesse do autor pela violência, fruto de profunda decepção da perseguição alemã aos judeus, que resultou na morte de sua mãe em Auschwitz. Alargar o conhecimento sociológico e psicológico a respeito da violência, com o objetivo da humanidade não incorrer em erros do passado, foi o foco de Elias. A contextualização de sua formação em Frankfurt deu-se num momento em que a própria sociologia desenvolvia-se. Elias iniciou a construção de sua teoria no momento em que havia, na Alemanha, a preocupação com o “*methodenstreit* – a luta pelo método”<sup>2</sup>. Ou seja, num momento em que a preocupação em determinar os métodos e conceitos científicos apropriados e adequados aos estudos dos seres humanos e da sociedade, era a tônica de diferentes escolas. Mais. Elias vivenciou a polêmica existente entre duas linhas de pensamento: o marxismo, representado por Adorno e Horkheimer, e o departamento de Sociologia de Frankfurt, representado por Manheim; Elias tornou-se assistente deste último.

A preocupação de Elias era alargar o conhecimento da humanidade. Estudar os seres humanos no seu aspecto global. Fato este apontado por Goudsblom em um relato utilizado por Dunning<sup>3</sup>. “Elias atribui nítida prioridade à síntese em relação à análise”<sup>4</sup>. A preocupação é de não compartimentalizar, nem fragmentar pessoas, do ponto de vista biológico, psicológico, e a sociedade pela utilização de categorias. Existe a proposta de uma inter-relação entre indivíduos que produzem a sociedade. E a sociedade influenciando os indivíduos num contexto complexo, no qual economia, trabalho e política estão imbricados na mesma existência, na dependência dos indivíduos. Esta tentativa de superação do dualismo, no qual a sociologia está separada de outras disciplinas, toma atenção deste autor, principalmente no tocante a uma ou outra escola se comprometerem com uma ou outra perspectiva das diversas possibilidades do mundo social. E a possível solução estaria na tentativa de realizar constantes cruzamentos entre “o raciocínio teórico e a investigação empírica” no sentido de um crescimento do conhecimento humano. A idéia é a de que uma abordagem global produziria um combate a constantes fragmentações a ao embate existente entre diversas escolas (materialismo X idealismo, etc). E entre duas possíveis dimensões de problemas e soluções a presente proposta tende a ser um guia. Tenta-se uma aproximação com o real através de sua síntese, com base na teoria e na observação, e não no que os outros pensam ser este real, através da análise.

A idéia de superação do dualismo entre determinadas escolas é justificada na medida em que Elias entende que existe, com relação ao método adequado para compreensão dos seres humanos e suas sociedades, um todo estruturado no qual possui “níveis emergentes”. O ser humano possui níveis de inter-relações e uma certa autonomia. Nesta autonomia existem propriedades únicas identificadas como “línguas, códigos morais, Estados, greves, parentescos, casamentos, economias, (...)”<sup>5</sup>. Neste sentido, o método adequado não poderia ser fragmentado, proveniente de áreas que estudam fenômenos de forma isolada, como seria o caso dos “derivados de estudo de fenômenos de níveis inorgânico e orgânico”<sup>6</sup>. Para Elias, “os modelos de estrutura e/ou processo devem ter precedência relativamente às generalizações da lei”<sup>7</sup>. Esta citação está contextualizada em relação à críticas feitas por Elias a conceitos e leis universais como as únicas a merecerem o estatuto científico. O conceito, ou lei, consiste em uma forma de bloqueio para o entendimento e crescimento do conhecimento. Outro obstáculo estaria ligado ao uso da linguagem. Determinadas formas de expressões remetem a uma visão dualista. Uma forma de expressão que poderia dar a idéia de que mudanças contínuas ocorrem a partir de um objeto isolado em estado de repouso. Teríamos a idéia de que um determinado fenômeno partiu de um ponto que seria o marco zero do fenômeno, a origem que desencadeia o movimento. O que se pretende realçar é que as estruturas e/ou processos não estão desligados das pessoas envolvidas. Não se constituem em uma “coisa” à parte. Este fenômeno de redução conceitual de processos observáveis, no caso com a sociedade e as pessoas, teria sido chamado de “estado de redução” ou “processo de redução”<sup>8</sup>.

---

<sup>3</sup> GOUDSBLOM, p. 21. Responses to Norbert Elias's Work, p. 79 In ELIAS, N. DUNNING, E. Em Busca da Excitação. Lisboa: DIFEL - Difusão Editorial, Lda, 1985, p. 23.

<sup>4</sup> Ibidem

<sup>5</sup> ELIAS, N. DUNNING, E., op. cit., p. 23.

<sup>6</sup> Ibidem

<sup>7</sup> Ibid., p. 24.

<sup>8</sup> Formas de tradução de *zustandsreduktion*. Termo utilizado por Elias para designar a redução na forma de visão da sociedade e das pessoas.

Estas duas traduções trouxeram formas de conceituar o objeto de pensamento da sociologia como estático e separado. Ou seja, as pessoas e as relações produzidas por elas são conceituadas de forma estática e compartimentalizada, separada. Como possibilidade de superação, Elias cria a noção de “configuração e *homines aperti* ou seres humanos abertos”<sup>9</sup>. O que seria? Configuração seria uma “teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras”<sup>10</sup>. Já os seres humanos abertos teriam a designação do indivíduo estar “orientado para os outros”, aberto aos outros indivíduos que fazem parte desta teia de interdependência de indivíduos. São complementares. Níveis diferentes, mas complementares no universo humano. Esta noção de configuração é ampliada na medida em que as ações provenientes destes indivíduos interdependentes produzem uma estrutura na qual surgem propriedades chamadas emergentes. Quais seriam estas propriedades? “Relações de força, eixos de tensão, sistemas de classes e estratificação, desportos, guerras e crises econômicas”<sup>11</sup>. No centro das configurações surge uma das propriedades: o poder.

Relações de poder para ELIAS possuem um caráter polimorfo e multifacetado. Não se reduz ao controle unilateral de algo, ou alguma coisa. Em contraponto ao marxismo este poder seria o acesso aos controles dos meios de produção ou a propriedade. Tenta-se avançar em relação à concepções totalizantes, universais. O conceito de poder em ELIAS seria algo presente nas relações interdependentes. As relações humanas produzem dependência. E o grau de dependência define a quantidade de poder que possuímos em relação ao outro ou o outro em relação a nós. Quanto maior o nível de dependência, maior o grau de poder que existe. Portanto, o poder é encarado por Elias como uma característica de todos os seres humanos. Este poder está vinculado a relação que o indivíduo estabelece com o outro. Enquanto houver um convívio, e este convívio representar valor, o indivíduo terá poder.

Como Elias rejeita abordagens sociológicas analíticas que fragmentam a sociedade em fatores, variáveis e esferas, ele tenta determinar o “peso causal relativo que existe no processo social, ou em certos aspectos deste, dos fatores, variáveis ou esferas”<sup>12</sup>. Procura-se um equilíbrio entre análise e síntese. Qual o caminho? Determinar a “posição estrutural de fatores particulares em configurações mais vastas e em relação à estrutura dessas configurações *per se* do que tem sido evidenciada até agora em muitas teorias sociológicas”. Dito de outra forma, os fatores, como o político, possui uma posição numa estrutura. Não que a análise da estrutura esteja vinculada a uma análise apenas do fator político. Como determinar a sua posição na estrutura? Mais, como determinar esta posição em configurações como as estabelecidas entre cidades, cidade- Estado, etc? Este mesmo raciocínio serve para pensar estas configurações. Elias entende que na estrutura de configurações humanas existem dois pontos a considerar: 1º - função de características quantitativas e, 2º - da forma como estas características quantitativas se relacionam e combinam. As características quantitativas referem-se à dimensão estrutural (cidades) e às particularidades dos indivíduos. “Nas configurações sociais [...] as qualidades constituintes variam de acordo com as totalidades de que representam uma

---

<sup>9</sup> ELIAS, N. DUNNING, E., op. cit., p. 25.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Ibid., 26.

<sup>12</sup> ELIAS; DUNNING, loc. cit., p. 6.

parte”<sup>13</sup>. A idéia transmitida é que os fatores variam de acordo com as sociedades. Portanto, as abordagens que tendem a focar um fator econômico sobressaindo numa generalização universal recai num erro. Justamente pelo fato da economia não ser a mesma em outras sociedades. Justamente pelo fato das configurações sociais serem diferentes em diferentes universos culturais.

A síntese, proposta por Elias, tem uma preocupação em relativizar a noção de importância. A importância de determinados aspectos está ligada à estruturas e tipos de relações. O caso apresentado seria a do Estado. Nas sociedades industriais a função do Estado é central. Principalmente pelo fato de possuir o poder de controle e gestão sobre instituições particulares. Neste sentido, o acesso ao controle do Estado, representado pelo acesso aos meios de força e dos impostos, torna-se um “aspecto chave do processo social”. Ainda mais neste processo de globalização. Processo que permitiu uma rede internacional de relações. Os Estados, no contexto de Elias, possuiriam maior autonomia frente à economia, ao modo de produção da sociedade que o organizou.

Para Elias a base de constituição da dinâmica do comportamento das sociedades-Estados está na disputa pelo acesso ao poder do Estado. Poder este em controlar “instituições industriais, financeira e educativas” e a luta por esse acesso seria focada pela “configuração anatômica”. Esta configuração seria entendida em cinco pontos. A síntese deles poderia privilegiar a divisão do trabalho ou “dimensão e estrutura de suas cadeias interdependentes”; pelo equilíbrio de pressões que centralizou o Estado de forma estável; pela forma que adquiriu o Estado; pelo tipo de economia, vinculada ou não com outras estruturas intersociais; o equilíbrio de poder entre grupos constituintes. Isto quer dizer, nas formas de controle que são articulados de forma interna e externa aos grupos inter-relacionados, chamados de “democratização funcional”<sup>14</sup>. A organização e comunicação entre esses grupos, bem como o acesso aos recursos, ao conhecimento significativo, e à instituições-chave darão o grau de equilíbrio de poder.

A “dinâmica imanente das configurações” seria resultado das lutas existentes pelo poder. De tal maneira que teríamos um processo de comportamento. Este processo se dá pela estrutura social das configurações e também é transformado por elas. A tal ponto que se acredita num caráter “cego ou não planejado”. Esta noção seria fruto de relações não intencionais entre indivíduos e grupos. Este processo, embora cego, deu origem ao processo civilizador. Para o entendimento dos elementos constituidores deste processo, Dunning aponta para os principais. Em resumo seriam cinco. “A formação do Estado”, decisivo no processo, na medida em que controla os meios de força e de impostos por meio de aumento da “centralização administrativa, política e de pacificação”; “aumento na cadeia de interdependência”; “equilíbrio de poderes entre classes sociais ou grupos (democratização funcional)”; “elaboração e refinamento das condutas e padrões sociais”; aumento de pressão social no sentido dos indivíduos exercerem o autocontrole, em especial na área das relações sociais; aumento da importância da consciência (superego) como reguladora do comportamento.

---

<sup>13</sup>ELIAS, N. DUNNING, E., op. cit., p. 6.

<sup>14</sup> Ibid., p. 29.

A exemplificação destes processos cegos, em que as diversas formas de organização de poder interagem, podem ser representadas pelo processo de “cortenação e/ou parlamentarização dos guerreiros medievais”<sup>15</sup>. A descrição ou explicação deste processo seria no sentido de entendê-lo como um processo de transição ao qual o guerreiro é submetido. Uma transição que substitui o uso da violência dos guerreiros para resolver determinados conflitos na vida cotidiana pelo “debate e refinamento das atitudes dos cortesãos”. Em termos gerais há uma distinção na forma de controle da violência e dos conflitos em relação ao uso de violência/força. E esta aparente dualidade (violência/força) é encarada como forma específica de interdependência. Tenta-se vincular dois pontos centrais para determinar a civilização: “o estágio de controle da violência e o monopólio de impostos para gerar determinadas forças internas”. O que sugere que o crescimento da economia e estabelecimento do Estado são centrais neste processo. Dito de outra forma, no processo histórico vivenciado pela humanidade houve uma substituição ou refinamento no uso da força para controlar a violência. E este controle é central para determinar o que Elias chama de civilização. Para haver um maior controle, o crescimento da economia, através do monopólio dos impostos, aliado ao estabelecimento do Estado, são determinantes para a formação de uma força interna capaz de produzir desde formas refinadas de controle até o uso de força/violência para impor este controle.

Dunning aponta para a “tríade dos controles básicos”, de Elias, como um meio para melhor entender sua teoria. Esta tríade serve para demonstrar a fase de desenvolvimento de uma sociedade e é apresentada em três pontos aqui resumidos: 1) controle de acontecimentos naturais que corresponderia ao desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade; 2) controle das relações sociais que está diretamente ligado ao desenvolvimento da organização social; 3) do aprendizado de cada indivíduo para exercer o autocontrole que se refere ao processo de civilização. Estes controles básicos são interdependentes tanto no seu desenvolvimento como no funcionamento. Independente da fase em que se encontrem, não evoluem, necessariamente, no mesmo ritmo. Salienta-se que um deles pode atrasar ou impedir a evolução dos outros.

Dunning faz uma aproximação entre o controle das ciências naturais e as ciências sociais. Nesta aproximação fica patente que o desenvolvimento tecnológico proporcionou um maior desenvolvimento do controle sobre a natureza do que o controle sobre as relações humanas. Desta situação surgem alguns problemas. Remete ao fato de que o controle das relações humanas é menor que o controle da natureza. Portanto, os modelos de análise e síntese dos fenômenos naturais são mais adequados ao objeto do que os existentes nas ciências sociais, dado que as relações sociais evoluem rapidamente.

Com esta apresentação alguns pontos tornam-se centrais. A proposta da teoria das configurações e do desenvolvimento de Elias propõe uma síntese do real de tal forma que possamos visualizar as relações interdependentes como prioritárias na constituição dos indivíduos e da sociedade. A questão do método adequado para enfrentar as relações sociais, discutido na época de sua formação, não pode ser fragmentado. A explicação no sentido de superação desta fragmentação nos parece clara com a exposição acima.

---

<sup>15</sup> GEBARA, A. Anotações para a teoria do processo civilizador: proposições para a história da educação. 100 anos de Norbert Elias, Piracicaba: Unimep, 1997.

## **Origem ao auto-controle: a função do Estado no processo.**

Dado a possibilidade do caminho, recorre-se à relação com o texto produzido por Goudsblom<sup>16</sup>.

Contextualizando o estudo de Elias, o presente autor apresenta a idéia de que nos dois volumes do Processo Civilizador Elias estuda apenas um episódio da história da civilização humana, sobretudo, a história das relações humanas vividas na Europa ocidental. Sob este prisma, em outros trabalhos, Elias amplia a delimitação cronológica de sua investigação.

Com o objetivo de rever a forma de discussão do processo civilizador, como teria ocorrido na década de 1970/80, Goudsblom apresenta uma classificação em três níveis do processo civilizador. O nível do individual, nível em que todos nascem com “capacidade e necessidade de aprender”<sup>17</sup>. Entende-se este nível como um primeiro degrau pelo qual a criança adquire seu auto-controle por meio do qual ela aprende a controlar suas impressões e impulsos provenientes de estímulos do meio exterior. Dito de outra forma, a criança está sujeita a um processo de aprendizagem relativa ao meio ao qual ela está inserida, aprendendo comportamentos aceitos e convencionados pelo grupo social, não sendo imutáveis. O segundo nível seria o processo sociocultural, neste nível há o entendimento de que a padronização dos comportamentos, ou normas comportamentais e suas mudanças são passados de geração para geração através do processo civilizador; do processo histórico. Interessante ressaltar a inexistência de uma linha de partida para o processo civilizador da Europa. Os padrões de comportamentos seguiram a regra de aprendizagem das crianças com os mais velhos. Não teria existido um ponto zero, como já apontado, em que teríamos conhecimento de uma sociedade ou grupo sem normas. O terceiro nível seria o de uma história humana mais ampla, na qual os dois níveis anteriores (individual e social) estariam inseridos. Neste terceiro nível é que Goudsblom apresenta o fogo como “um aspecto básico da vida humana”<sup>18</sup>. A idéia é a de que o controle do fogo seria um ponto em que se poderia testar a teoria do processo civilizador, na medida em que seu controle e a evolução deste foi feito como meio cultural. Poderia-se elegê-lo como o fenômeno cultural mais antigo conhecido em contraste com a idéia acadêmica do “alvorecer” da sociedade com o surgimento da agricultura, cidades e a escrita. Antes destes 10 mil anos existe a idéia de uma incivilização da humanidade.

O autor não compactua com esta idéia e apresenta um raciocínio pelo qual os grupos humanos vão se organizar e aumentar sua complexidade social na medida em que evolui a forma de controle do fogo, primeira grande transformação ecológica. Muito antes da ascensão da agricultura, dando-nos a idéia de que a evolução desta estaria subordinada ao controle do fogo. Este fogo, ou melhor, a administração do fogo, não seria a única causa no aumento das diferenças de comportamento entre os homens e no aumento do poder, mas seria um elemento central no processo.

---

<sup>16</sup> O processo civilizador e a domesticação do fogo. GOUDSBLOM, J. Universidade de Amsterdã. *Journal of World History*, vol. 3, n. 1 – 1992 by University of Hawaii Press.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>18</sup> GOUDSBLOM, loc. cit., p. 3.

Quatro características sobre o fogo são apresentadas. Ele é destrutivo, irreversível, sem intencionalidade e auto-gerado. Estas quatro características estariam vinculadas ao seu poder de destrutividade, ao poder de transformação de matérias, ao caráter aleatório de sua ação e a sua capacidade de se reproduzir. Com estas características quais seriam os atrativos que levaram o ser humano em busca de seu controle? O de dar objetivos ao uso do fogo no sentido de utilizá-lo de forma produtiva. Como? Desde sua utilização para cozinhar e “limpar”, como fonte de calor e de luz, segurança contra predadores e para modelar ferramentas. Como ilustração, a queima de lugares com o intuito de limpar os espaços possibilitava, após um período, o crescimento de pastos nos quais os animais vinham se alimentar, facilitando a caça para os humanos.

O fato é que este conjunto de utilização produtiva do fogo produziu grupos humanos mais fortes, caracterizados por Elias como “unidades de sobrevivência”. Goudsblom mostra-nos que este processo produz o que se chamou de crescimento intensivo, referente ao aumento de calor no modo de produzir um padrão de conforto material proporcionando melhora na qualidade de vida e crescimento extensivo, referente à maior tolerância em relação ao frio intenso proporcionando uma maior mobilidade humana, que culminou numa expansão territorial e a um crescimento populacional.

Na medida em que ocorre o aumento do controle sobre o fogo, de forma consciente, aumenta proporcionalmente a dependência em relação à sua utilização, inconscientemente. Isto vai acarretar ao ser humano arcar com os custos da domesticação. O fogo vai impor a necessidade de uma nova dinâmica social. Na medida em que aumenta a dependência pelo fogo, surge a necessidade de uma “administração do fogo” para conseguir a manutenção de sua utilização durante todo o tempo; combustível, armazená-lo contra a chuva e vento.

Independente de diferenças entre grupos humanos, o processo de manutenção do fogo foi semelhante. Esta manutenção impõe um controle social do fogo. A cooperação social e a divisão do trabalho são necessárias e isto impõe a necessidade de restrições e o uso de disciplina. Nesta linha de raciocínio, constata-se a dependência de uma administração do fogo e esta administração leva o homem a sujeitar-se a “constrangimentos sociais e psicológicos” que dão origem ao que se chamou de “constrangimentos civilizadores, que se tornaram parte da cultura humana em todo lugar”<sup>19</sup>.

Outros fatores contribuíram para o aumento do crescimento intensivo e extensivo. Estes fatores são mais recentes, provenientes de mais ou menos 20 mil anos atrás. Foi o advento da agricultura e da criação animal, acelerando o crescimento citado.

O processo de incorporação de animais e plantas nas comunidades humanas, com o objetivo de prover as comunidades de comida através da domesticação, ocorreu de forma similar ao do fogo. A segunda transformação ecológica advinda dos homens necessitou um processo de cuidados especiais para com os animais e plantas.

Goudsblom ressalta que ao mesmo tempo destas transformações o homem aumentou sua capacidade destrutiva e sua vulnerabilidade frente às catástrofes na medida em que introduziu forças não humanas dentro das sociedades.

---

<sup>19</sup> GOUDSBLOM, loc. cit. p. 6.



Com o objetivo de identificar a tendência dominante na diferenciação no comportamento e poder entre grupos humanos e animais é que o autor sugere um olhar mais profundo. Mais distante no tempo. O advento da agricultura proporcionou uma diferenciação de comportamento e poder entre sociedades com e sem agricultura. Enquanto as primeiras permaneceram tribos, clãs, as outras se transformaram em impérios. O que se sugere é a diferença no processo civilizador nas diversas sociedades em partes diferentes do mundo e, depois, em “diferentes estratos sociais em cada uma destas sociedades”.

Estas sociedades agrárias tiveram divergências e convergências. O processo de estratificação das sociedades é um exemplo no qual houve grandes diferenças de bem-estar e poder entre seus membros. Em todas as sociedades o perigo proporcionado pelo fogo e em como lidar com este perigo nas cidades foi outro exemplo. Goudsblom mostra-nos que o processo de crescimento populacional levou à criação de cidades e nelas as pessoas possuíam seus bens materiais e seus fogos. Daí surge a formação de grupos para combater incêndios e arruaças, e potenciais saques durante possíveis incêndios. Daí a necessidade de controle populacional.

Outras convergências apontadas por Goudsblom seriam: as regulações impostas aos cidadãos, sem sucesso; modo de construção de casas e habitação; organização de brigadas de incêndio; formas da população enfrentar incêndios quando ocorriam.

Com a era moderna surge a terceira grande transformação ecológica. É o processo de industrialização. O controle dos possíveis acidentes melhora com campanhas civilizadoras nas quais o bombeiro surge como maior ícone.

Neste processo de industrialização, a chamada “administração industrial” proporciona tantas ou mais situações constrangedoras como aquelas provenientes da administração do fogo. O processo global seria outro momento que leva a este círculo vicioso entre divergências e convergências entre sociedades.

Neste texto surge a possibilidade do processo civilizador da humanidade estar apenas começando. E os homens continuam provocando os mesmos constrangimentos ao ser humano em nome do controle das diferenças de comportamento em busca do poder.

Dentro de nosso estágio de desenvolvimento verificamos que a administração do mundo globalizado leva-nos a conflitos entre sociedades que poderiam ser balizadas pelas lutas em busca de novos mercados, como é o caso da luta pela abertura das economias, em busca de consenso; lutas entre sociedade com diferentes ideologias (guerras, terrorismo); e no âmbito micro, as lutas pela sobrevivência, balizada pelas relações intersubjetivas na constituição de grupos sociais com a constituição de uma identidade. Estas relações levam a comportamentos heterogêneos. Estas diferenças de comportamentos proporcionam uma tensão que, aparentemente, só é amenizada com a intervenção de instituições (públicas ou privadas) que possuem o objetivo histórico de aumentar o controle sobre os indivíduos e conseqüentemente o aumento da dependência destas em relação às instituições, como ocorreu com o processo de controle do fogo.

Explorar a tentativa do Estado em centrar atividades de controle sobre indivíduos com o objetivo de produzir-lhes o auto-controle, através dos processos figuracionais, talvez seja possível na medida em que se busque as ferramentas utilizadas por Elias em seu único estudo

específico. Referimo-nos ao livro “Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”<sup>20</sup>. Acredita-se que pelo uso desta obra seja possível a realização de estudos num período de curta duração. O entendimento de como se constituem determinados grupos e a partir deles a compreensão de como surge o processo de estigmatização pode ser uma porta para reflexões de estudos que privilegiem a curta duração. No entanto, a direção adotada neste momento buscará o entendimento dos critérios conhecidos para a formação de grupos específicos.

## **Construção de grupos sociais**

Alguns pontos da teoria de Elias nos permitem avançar na compreensão da dinâmica social. Sobretudo, no que diz respeito à situação de indivíduos em relação a posições que ocupam em determinados grupos, na sociedade em que estão inseridos<sup>21</sup>.

No processo social contemporâneo as relações entre indivíduos podem, ou não, serem transformadas numa relação duradoura com características próprias. Estas relações produzem o que é entendido por grupos. Estes grupos são reorganizados segundo alguns critérios. No entanto cabe distinguir até que ponto este grupo influencia o indivíduo e até que ponto este indivíduo influencia ou se prevalece frente ao grupo.

Para estruturar a idéia de grupos recorre-se a Coury<sup>22</sup> para problematizar algumas características do que poderia ser uma tentativa educacional de interiorização de normas e regras sociais na perspectiva de criação de um auto-controle.

Este autor apresenta a preocupação de compreender a influência do indivíduo na construção de grupos por intermédio de categorias e atividades mentais instituídas. Tenta-se perceber e estabelecer a diferença entre indivíduos e grupos. Aplicando estas categorias mentais a um indivíduo situado busca-se, através da sociologia do conhecimento, um novo entendimento sobre essa construção. Dito de outra forma. Os indivíduos teriam, através da formação de sua economia psíquica, categorias que os aproximariam ou os afastariam de outros indivíduos.

O ponto inicial seria a hipótese de Elias com respeito ao fato dos indivíduos serem condicionados socialmente ao mesmo tempo pelas representações que fazem de si e por aquelas que lhes são impostas pelos outros com quem entram em relação. Esta hipótese aponta para a formação de uma “sociogênese dos grupos sociais”. Mais. Elias<sup>23</sup> constrói o entendimento entre indivíduo e sociedade de forma singular. De forma que para “compreendê-los, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções”<sup>24</sup>.

---

<sup>20</sup> ELIAS, N., SCOTSON, L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

<sup>21</sup> COURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais: da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias**: a política e a história. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. p. 123-144.

<sup>22</sup> COURY, G. Passim.

<sup>23</sup> ELIAS, N. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 25.

A lógica apresentada por Coury seria a de que o indivíduo se percebe enquanto indivíduo na relação com um grupo. E nesta relação estabelece critérios de pertinência ao grupo reconhecido pelos outros. Seria um processo pelo qual o indivíduo desenvolve critérios para a percepção. Percepção de representações que fazem dele e que permitem observar e escolher, ou encontrar, seus semelhantes. Para melhor ilustrar: “o modo como os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas (...) os gestos executados longe dos outros (...) os gestos a eles dirigidos, são gestos relacionados com os outros”<sup>25</sup>.

Nesta relação há uma ampliação de grupos num contexto social. Pela diferenciação estes grupos aumentariam e modificariam a estrutura social. Quanto mais grupos ter-se-ia uma quantidade maior do que se chama de cadeia de interdependência entre eles. O que levaria a problemas de ação, de tipificação. O que resulta deste processo seria a criação de um autocontrole através do controle das emoções e do afeto. Bem como o que Coury chama de “pacificação de certas zonas de espaço social”. O indivíduo é exposto a certas relações no contato com outros indivíduos. Neste contato, que é estabelecido por determinadas capacidades de observação no tocante a se aproximar ou não de determinados indivíduos, produzem-se representações externas ao indivíduo. Estas representações influenciarão no processo de autocontrole que é necessário para o convívio social. Seria a interiorização individual das proibições que antes eram impostas a partir do exterior.

Como verificar isto em relação aos participantes de um determinado espaço de convívio? Qual seria a dinâmica estabelecida para a escolha de determinados grupos?

Na discussão apresentada sobre a interiorização da autoridade, existe uma aproximação entre Elias e Freud. A ênfase é dada na superação da interpretação de Elias em relação ao pensamento de Freud. A condução destas aproximações leva ao entendimento de que esta interiorização ocorre em função de renúncia de pulsões. Num processo pelo qual o indivíduo se adapta ao meio. Para Elias no processo de formação psíquica lembranças do passado são conservadas. Seria uma memória coletiva no processo de longo prazo; no processo de formação da civilização.

O que se pretende nesta exposição é caracterizar que o processo de autocontrole está diretamente ligado a uma relação complementar entre indivíduo e grupo. Neste sentido é que se pensa a possibilidade de um novo olhar para o desenvolvimento de trabalhos direcionados à compreensão social.

Para compreender a economia psíquica<sup>26</sup> se distinguem três qualificativos comuns aplicados ao homem moderno. Para cada um a economia psíquica constitui ao mesmo tempo a síntese sociológica e a explicação histórica. Além disto estas qualificações permitem formular três tipos de questões sociológicas relativas a formação de grupos sociais. Os três qualificativos: o homem equilibrado, o homem moderado, o homem evoluído.

Para o entendimento da formação psíquica do homem equilibrado é necessário o entendimento da “lógica e os processos de interiorização” a que o indivíduo é submetido em

---

<sup>25</sup> ELIAS, N. op. cit. ,p 26.

<sup>26</sup> Outros adjetivos dados a economia psíquica seriam: a interiorização das normas; a renúncia às pulsões; uma nova dimensão da alma humana.

determinadas sociedades. O equilíbrio referido diz respeito ao que a sociedade, ou organização social, exige e as exigências dos indivíduos, que compõem esta sociedade, fazem separadamente.

As questões sociológicas decorrentes deste homem equilibrado são pertinentes ao tipo de conduta e comportamento que devem ter em relação a lugares e indivíduos diferentes, sem, no entanto, confundi-los. Estes mesmos indivíduos quando estigmatizados são alvos de questões sociológicas que tendem a verificar a forma pela qual estes indivíduos se deslocam socialmente. Como eles constroem as relações com indivíduos que os consideram e os olham como deslocados.

Para a formação psíquica do homem moderado o que vem à luz seria um processo de moderação baseada numa racionalidade individual, “a do homem civilizado”<sup>27</sup>. A preocupação é a de moderação a que o indivíduo deve demonstrar em qualquer lugar frente a qualquer pessoa. Sua identidade se dá frente ao que os outros lhe remetem. Interdependência ampliada e observação do semelhante. Cada ato deve ser proporcional a realidade a que se insere. Indivíduo moderado está ligado às conseqüências do processo de diferenciação (emergência do Estado moderno) e à “coabitação social dos homens”. Estabilização das estruturas cognitivas para cada um estabelecer relações sociais. Essas repousam no autocontrole e numa “condenação daqueles que se deixam ir”.

A economia psíquica, nesta perspectiva, reside no “fato de que ela permite situar no tempo e no espaço as conjunturas nas quais certas transformações do estado de uma estrutura social se encadearam para resultar numa nova configuração”. Seria a mistura de gêneros num espaço no qual dois ou mais indivíduos são colocados num instante ou período duradouro sem se conhecer, sem estabelecer relações que os associasse ou dissociasse.

O último qualificativo apresentado foi o do homem evoluído. Este quadro seria a de processos de evolução. Condição da identidade constante da pessoa. Estes processos de evolução “coordenam diferentes estados da trajetória que um indivíduo conhece num eixo cronológico linear”<sup>28</sup>. Um novo indivíduo capaz de conduzir sua vida. Abarca-se a vida de um homem no seu todo e julga-o de uma vez só. A economia psíquica permite um bom transito na condução de sua vida, em todas as suas relações. Permite encontrar lógicas que condicionam esse ou aquele comportamento e descobrir categorias de percepção dos comportamentos observados nos outros. O processo de diferenciação participa dos processos de pacificação das relações sociais. Esta harmonia social não é isenta de ajustes de contas na vida do indivíduo. Quem não sabe se manter é considerado deslocado; os que pertencem a tal categoria são considerados por natureza inqualificáveis. Daí surgem problemas referentes à permanência em grupos sociais. Os indivíduos sofrem estes desqualificativos na sua vida toda, mas não rompem com sua identidade. A formação da economia psíquica transcende a “dimensão temporal induzida pelo tempo de vida dos indivíduos”<sup>29</sup>. Em resumo, pode-se observar esta economia psíquica além daqueles que se observa em ato. Tenta-se apreender a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade numa perspectiva de uma sociologia do conhecimento.

---

<sup>27</sup> CORY, G. op. cit. p. 128.

<sup>28</sup> Idid., 130.

<sup>29</sup> Ibidem

Questões pertinentes neste universo seguiriam pistas que levam a processos dispersos e não planejados de construção de grupos sociais. Questões que privilegiam o entendimento de “como, onde e quando a pessoa nota seus semelhantes e se liga duradouramente a eles”<sup>30</sup>.

A reconstrução da construção social dos traços de um grupo é feita por Elias como um processo não planejado. Este processo não planejado leva em conta indivíduos que não estão envolvidos na relação direta. A formação de diferenças entre grupos é proveniente da “busca consciente da semelhança”<sup>31</sup>. Apontou-se esta busca como uma crítica aberta a concepções de mimetismo. Como? A formação e especificidade de grupos foram entendidas por “leis de imitação” ou “contágio” que caracterizavam a homogeneidade de grupos. Ou seja, pela imitação de membros de um mesmo grupo. Porém a difusão dos bens é feita na concorrência e adaptação, por certos grupos, na maneira de agir utilizado por outros. Isto quer dizer que há uma apropriação nas maneiras de agir de outros grupos e adaptadas para uma nova realidade. Esta nova maneira de agir vai determinar “a fabricação da diferença” ou da semelhança.

A questão da diferença ou semelhança é curiosa na medida em que são apresentadas como pólos opostos e próximos ao mesmo tempo num contexto em que a concorrência entre atores na utilização de bens está centrada na origem de um reforço da diferença.

Neste mesmo texto busca-se o entendimento do que ocorre com grupos estigmatizados. Para ser mais preciso, entender a arte de reagrupar-se nas relações de quem está ligado a um agrupamento bem como aqueles que se recusam a pertencer a um agrupamento. Como ocorre o processo de autocensura de uma economia psíquica? Esta questão é central para entender o processo de internalização de não ser digno de utilizar algo; de não pertencer a um ambiente.

Junto a noção de estigmatização pode-se pensar as determinações de economia psíquica. Cury apresenta a noção de que a estigmatização se torna relevante no processo de relações formadas entre indivíduos estigmatizados e indivíduos que tentam trazer-lhes soluções. Dito de outra forma, a percepção de serem estigmatizados produz uma noção de recusa a soluções impostas e ao pertencimento a determinados grupos. Existe a lógica de que a percepção de serem estigmatizados se dá pelo olhar do outro e vem daí a recusa de utilizar determinadas práticas ou atividades.

No entendimento de Elias<sup>32</sup> na relação entre dois grupos, um estabelecido outro recém chegado, pode-se identificar inúmeras formas, meios e procedimentos nestas relações e em inúmeras relações. Na relação entre grupos como estes existem determinadas constantes nas quais podem ser identificadas na relação entre todos os outros grupos na sociedade. Elias diz na introdução do seu livro que ele irá trabalhar uma constante, e solicita ao leitor encontrar outras. A constante encontrada seria a de que os grupos que estão mais estabelecidos se identificam a partir dos elementos mais proeminentes do seu grupo. Por outro lado, o grupo estigmatizado se identifica pelo estrato mais anômalo do seu grupo. Ou seja, se identifica pelo que ele tem de pior.

---

<sup>30</sup>CURY, G. op. cit. p. 130.

<sup>31</sup> Ibid., p. 132

<sup>32</sup> ELIAS, N. L. oc. cit. p. 19.

A estigmatização seria um dos meios encontrados para manter indivíduos que pertencem a outros grupos afastados do círculo de convivência de grupos estabelecidos. Seria uma forma de controle.

Nesta linha de raciocínio, a compreensão da construção de identidade parece ser chave. A noção de identidade passa pela idéia de que nas sociedades contemporâneas a identidade-eu seria mais forte que a identidade-nós; chamada por Elias de identidade comum. O entendimento deste ponto não é simples, pois a polarização para a identidade-eu não é clara<sup>33</sup>.

A identidade faz parte do “habitus social”<sup>34</sup>. Na polarização eu-nós este habitus é central. Daí o fato da individualização ser central na relação indivíduo e sociedade. Exemplo que pode ser associado com o descrito seria o processo de individualização passando pelo Estado em sociedades desenvolvidas. Para o reconhecimento do indivíduo enquanto cidadão é necessária uma certidão de nascimento. Este fato dá uma identidade “eu” como indivíduo, mas situa o indivíduo em um grupo: o familiar. Esta ilustração passa a noção de que “a existência da pessoa como ser individual é indissociável de sua existência como ser social”<sup>35</sup>. “Eu” não existiria sem a noção dos pronomes pessoais referentes a outras pessoas.

## **Considerações finais**

Acredita-se que o objetivo pretendido no início deste texto foi atingido. Ou seja, uma revisão sobre algumas discussões apontadas pelas obras de Norbert Elias que permitam a futuros estudos uma forma de compreensão das relações sociais.

No que se refere as possibilidades de discussão e apreensão da realidade sobre grupos, fica a possibilidade de verificar como estes mecanismos são efetivados nos mais variados segmentos da sociedade. Através dos estilos de vidas, existentes em grupos heterogêneos, os qualificativos de homem equilibrado, moderado ou evoluído seriam alguns dos conceitos chaves para a busca de novas constantes. Uma busca que o próprio Elias lançou como desafio a novas pesquisas.

---

<sup>33</sup>Coury, G. Loc. cit. p. 130.

<sup>34</sup> A noção de hábitus respeita um espaço ou solo no qual seria fornecida a base para o nascimento de diferenças pessoais e individuais. Seria a constituição de uma identidade a partir de um habitus social no qual precede certas possibilidades de relações com o outro. Exemplos disto seriam a criação de uma identidade nacional ou, o exemplo dado por ELIAS, a dificuldade da união política dos Estados Nacionais europeus em função do habitus nacional.

<sup>35</sup> Loc. cit. p. 151.

## CIVILIZATOR PROCESS AND THE CONSTRUCTION OF GROUPS

### Abstract

This text seeks to point out Elias' possible contributions to the understanding of the society, specially through the comprehension of the groups formation. An exploratory study was led through which the process for constitution of the social structure was approached, as well as the process of internalization of social rules.

Key-words: configurational sociology, self-control, group formation.

### Referências bibliográficas

ELIAS, N. DUNNING, E. *Em Busca da Excitação*. Lisboa: DIFEL -Difusão Editorial, Lda, 1985.

ELIAS, N. DUNNING, E. **Em Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL -Difusão Editorial, Lda, 1985.

GEBARA, A. *Anotações para a teoria do processo civilizador: proposições para a historia da educação. 100 anos de Norbert Elias*, Piracicaba: Unimep, 1997.

O processo civilizador e a domesticação do fogo. GOUDSBLOM, J. Universidade de Amsterdã. *Journal of World History*, vol. 3, n. I – 1992 by University of Hawaii Press.

ELIAS, N., SCOTSON, L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

GARRIGOU, A.; LACROIX, B., A. **Norbert Elias**: a política e a história. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

ELIAS, N. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.